



# FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN NEWSLETTER

NÚMERO 149  
DEZEMBRO 2013



**Fundação Gulbenkian  
mais acessível a todos**



**ACESSO**

FUNDAÇÃO LIGA  
CENTRO PORTUGUÊS DE DESIGN

4

### **Aprender a voar sozinho**

Em 2012, o Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano abriu uma linha de financiamento para apoio a projetos orientados para a autonomização de crianças e jovens em acolhimento institucional. Quatro projetos em lugares muito distintos do país – Reguengos de Monsaraz, Ansião, Braga e Vila Real – mostram a necessidade de olhar para uma realidade muitas vezes escondida e que não tem parado de aumentar em Portugal.



Casa do Canto, Ansião

9

### **Fundação Gulbenkian mais acessível a todos**

Novos caminhos e novos acessos aos espaços exteriores da Fundação, novas rampas de acesso no exterior e no interior, bem como piso táctil e novas sinalizações, mais claras e abrangentes, fazem parte das alterações introduzidas ao longo dos dois últimos anos pela Fundação Gulbenkian. Agora distinguida com o Selo Acesso, a Fundação quer ser mais acessível a todos os que a visitam.



Ao centro Sofia Minfen Zhang © Márcia Lessa

12

### **Estrangeiros que estudam em português**

Este ano, o Serviço de Bolsas da Fundação Gulbenkian atribuiu 21 bolsas a investigadores estrangeiros que querem trabalhar sobre temas da Cultura Portuguesa ou Lusófona. Além de países mais próximos, como Espanha ou Itália, estes bolseiros vêm também de distantes paragens como os Estados Unidos, a Rússia, a Índia ou a China. Ao longo de vários meses, estes investigadores constroem um novo olhar sobre a nossa cultura e a nossa língua.

*A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.*

**NEWSLETTER** NÚMERO 149. DEZEMBRO. 2013 | ISSN 0873-5980

**Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação** Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais  
**COLABORAM NESTE NÚMERO** Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho | Patrícia Fernandes  
**DESIGN** José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva [DDLX] **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **IMAGEM DA CAPA**  
Jardim Gulbenkian © Márcia Lessa | **IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TIRAGEM** 10 000 exemplares  
Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



# 21

## Festa dos Livros Gulbenkian

Todos os dias, das 10h às 20h, a Festa dos Livros oferece livros e outras publicações a preços mais reduzidos neste Natal. Além da apresentação da obra *Gramática do Português*, no dia 17, a Festa terá livros do dia e muitos objetos relacionados com as coleções dos museus e espaços da Fundação Gulbenkian. Este ano, a Festa estará aberta até ao dia 22, no edifício Sede.



Paulo Rocha, *Mudar de Vida*

# 26

## Para Paulo Rocha

O segundo fim de semana do ciclo **Harvard na Gulbenkian**. Diálogos sobre o **cinema português e o cinema do mundo** é dedicado ao realizador português desaparecido em 2012. Paulo Rocha, pioneiro do cinema novo, realizou uma dezena de longas-metragens na sua carreira, entre eles o mítico *Verdes Anos*, a que se seguiu *Mudar de Vida*, o filme que será exibido no dia 13, na sala polivalente do CAM. Em diálogo com o cinema de Paulo Rocha estarão os filmes dos realizadores Nelson Pereira dos Santos e Víctor Gaviria, presentes nas sessões de 13 a 15 de dezembro.

# 28

## Mozart na Gulbenkian Música

Nos dias 5 e 6 de dezembro no CCB, respetivamente às 21h e às 19h, serão tocadas as três últimas sinfonias de Mozart – n.º 39 K.543, n.º 40 K.550 e n.º 41 K.551. Verdadeiras obras-primas do reportório clássico musical, as três últimas sinfonias foram escritas no verão de 1788, em apenas dez semanas, sendo a última – *Júpiter* – considerada a síntese perfeita da produção mozartiana.

## índice

### primeiro plano

4 **Aprender a voar sozinho**

### notícias

9 **Fundação Gulbenkian mais acessível a todos**

10 **Deficiência: uma questão de direitos humanos**

12 **Estrangeiros que estudam em português**

16 **Habermas na Fundação Gulbenkian**

18 **Michel Wieviorzka e os valores universais**

18 **Em português nos entendemos**

19 **Últimos dias de Present Tense**

19 **Desafios das novas gerações luso-descendentes em França**

20 **Ratos resistem ao *Toxoplasma***

20 **Gripenet recruta voluntários**

21 **Festa dos Livros Gulbenkian**

22 **breves**

### bolseiros gulbenkian

24 **Samuel Bastos**

### em dezembro

### cinema

26 **Harvard na Gulbenkian**

### música

28 **Mozart – as três últimas sinfonias**

### exposições

29 ***O Brilho das Cidades***

30 ***Sob o Signo de Amadeo***

31 ***Gymnasion***

32 **novas edições**

33 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

### Uma obra

34 ***Égina e a Águia Arrebatadora***





Casa do Canto, Ansião

# Aprender a voar sozinho

## Crianças e jovens em acolhimento institucional

*Em 2012, a Fundação Gulbenkian, através do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, começou a apoiar quatro projetos trianuais cujo objetivo principal é preparar crianças e jovens que vivem em instituições de acolhimento “para um voo seguro para fora do ninho”. Fizemos mais de dois mil quilómetros de norte a sul do país para conhecer estas instituições e perceber de que forma se está a fazer essa transição para a vida autónoma.*

### **LAR DE ACOLHIMENTO: MAIS DO QUE CAMA, MESA E ROUPA LAVADA**

**D**o lado de fora, a enorme casa senhorial alentejana, impecavelmente pintada de branco e debruada a amarelo, não permite imaginar que do lado de dentro se está a passar por uma verdadeira revolução de tintas, pinéis e tecidos. O ambiente que se vive é de transformação, como se estivesse a nascer uma casa nova dentro de paredes velhas. Cada um dos trinta jovens acolhidos no lar de Nossa Senhora de Fátima, em Reguengos de Monsaraz,

tornou-se responsável pela personalização do seu próprio quarto e dos espaços comuns. O objetivo é fazer com que se sintam em casa e impedir que a vida dentro da instituição funcione “numa lógica só de cama, mesa e roupa lavada”, segundo as palavras de Vânia Pereira, a diretora técnica da instituição.

“Estou cá há 13 anos e não sinto esta casa como minha.” A frase foi dita, assim mesmo, por uma das jovens acolhidas no lar pouco tempo depois de Vânia Pereira ter assumido funções. “Não queremos ouvir mais ninguém a dizer isto”, declara enquanto refere as vantagens do empreendimento

decorativo que estão a desenvolver. “A remodelação do espaço está a torná-lo mais familiar e afetivo. É um trabalho nosso e deles e é, por si só, um momento de integração.” As 14 raparigas e os 16 rapazes entre os 5 e os 20 anos que lá vivem foram, por diversos (e dramáticos) motivos, afastados das famílias de origem por decisão do tribunal e das comissões de Proteção de Crianças e Jovens: ou porque estavam em situação de abandono e viviam entregues a si próprias; ou porque sofriam maus tratos ou abusos sexuais; ou ainda porque assumiam comportamentos prejudiciais sem que ninguém se lhes opusesse adequadamente. Estas são algumas das razões que conduzem, todos os anos, cerca de duas mil crianças para Lares de Infância e Juventude ou para Centros de Acolhimento Temporário (ver caixa 1), quando as outras respostas possíveis já não são suficientes para garantir a sua segurança e a defesa dos seus direitos. Quando entram nestas casas de acolhimento, nunca sabem em que dia vão sair, e é comum ficarem por lá muitos anos.

Em 2012, a Fundação Calouste Gulbenkian, através do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, abriu uma linha de financiamento para apoio a projetos orientados para a autonomização de crianças e jovens em acolhimento institucional. Além do lar de Nossa Senhora de Fátima, estão a ser apoiadas a Casa do Canto, em Ansião, a Oficina de São José, em Braga, e a Associação Via Nova, em Vila Real, sendo que cada uma delas testa a sua própria metodologia de intervenção.

Para Daniel Sampaio, coordenador científico do Programa Crianças e Jovens em Risco (ver caixa 2), o apoio da Fundação Gulbenkian a estas instituições vem trazer para a luz do dia “uma realidade escondida”, de que “pouco se fala e pouco se conhece, embora haja anualmente um registo de cerca de 11 mil crianças e jovens nesta situação”. São números preocupantes: “Apesar da queda demográfica, não verificamos um decréscimo no número de institucionalizações, não há proporcionalidade”, explica a investigadora Maria João Leote, que faz o acompanhamento técnico dos projetos apoiados e cujo livro *Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens* foi recentemente publicado pela Fundação Gulbenkian.

### **COM O MÍNIMO, FAZER O MÁXIMO**

Muitos quilómetros a norte de Reguengos de Monsaraz, o lar da Associação Via Nova, em Vila Real, acolhe atualmente 19 rapazes, entre os 9 e os 20 anos de idade. A casa é antiga, com um pequeno pátio calcetado, e tem tanto de grande como de fria. O isolamento é fraco e em Vila Real é normal os termómetros atingirem temperaturas negativas no inverno. Apesar disso, é calor o que se sente dentro do lar. Maria João Leote sublinha a importância do trabalho que tem sido feito perante a ausência de recursos: “Quando



No lar de Nossa Senhora de Fátima, em Reguengos de Monsaraz, a decoração dos espaços está a ser feita com os jovens acolhidos.

olhamos para as instituições, três delas estão abaixo dos mínimos em termos de recursos humanos e têm instalações que ainda vêm das décadas de 1970 e 1980, até mesmo anteriores. No entanto, em termos da qualidade técnica da intervenção superaram essas grandes limitações e acabam por ir muito mais além”, considera. Ao atribuir este financiamento às instituições, a intenção da Fundação Gulbenkian é dotá-las de maiores condições e competências para o desenvolvimento do seu trabalho. Daniel Sampaio mostra-se surpreendido com o “empenhamento notável” demonstrado pelas equipas e com a “perspetiva otimista de que vale sempre a pena lutar”, apesar do caminho difícil que têm de palmilhar. “São pessoas muito dedicadas, e que fazem um grande esforço diário, porque normalmente trabalham com jovens com problemas muito graves”, salienta o psiquiatra. Há relatos de jovens que chegam à instituição sem saber fazer coisas básicas como vestirem-se sozinhos ou utilizar os talheres à mesa, a que acresce a tendência para o conflito e para a agressividade. Além de ter de haver uma intervenção adequada junto do jovem, estes casos exigem também um trabalho de fundo com as famílias, sendo esta uma das áreas que sai reforçada com o apoio a estas instituições.

Ainda a norte, a Oficina de São José, em Braga, acolhe 43 rapazes entre os 9 e os 29 anos de idade. Aqui, há uma aposta muito grande no regresso à família nuclear. A Oficina de São José goza, neste aspeto, de grande vantagem face a outras instituições, uma vez que todas as crianças acolhidas são oriundas do distrito de Braga. Contudo, esta proximidade geográfica à família de origem não é comum. “Na maior parte dos casos, a criança vai parar à instituição

onde houver vaga. A colocação não é feita em função das problemáticas”, comenta Maria João Leote. Daniel Sampaio explica que o problema desta deslocalização é que “fica interrompido o acompanhamento especializado que o jovem tinha na área de residência, nomeadamente ao nível da saúde mental, e fica comprometido o trabalho dos técnicos da instituição com a família” para preparar um possível regresso.

Nas palavras de Cristina Velho, coordenadora do projeto da Casa do Canto, em Ansião, este afastamento geográfico da zona de residência, do círculo familiar e de amigos provoca “um grande sofrimento pessoal, baixa autoestima, dificuldades de interação com adultos e colegas e problemas de adaptação escolar”. Na Casa do Canto, as atividades artísticas, como a música ou a expressão plástica, estão no centro da intervenção e têm sido utilizadas para combater estes comportamentos, que se verificam em muitas das 23 raparigas entre os 12 e os 19 anos atualmente acolhidas neste centro.

### **ESTAR INSTITUCIONALIZADO NÃO TEM DE SER SINÓNIMO DE INSUCESSO**

Na sala de refeições do lar da Via Nova, o diretor, Carlos Bento, vai explicando que ali os estudos são prioridade absoluta. “Quanto mais eles puderem estudar, quanto mais eles puderem ter asas, melhor preparados estarão para o voo”, diz Carlos Bento.

Enquanto conversamos, uma dupla que aparenta ter entre 10 e 12 anos vai dispendo metodicamente os talheres – a faca do lado esquerdo e o garfo do lado direito mas, perante tamanha boa vontade, quem é que liga a isso? – e os pratos sobre a mesa. Trazem, sem grande esforço, as travessas de



Apartamento de autonomização da Oficina de São José, Braga.

comida e, no fim da refeição, levantam tudo novamente, num perfeito e muito coordenado trabalho de equipa, não só entre eles mas também com o pessoal da cozinha.

Carlos Bento prossegue e confessa que a relação com os agrupamentos de escolas e os professores nem sempre é fácil. Por não conhecerem o funcionamento do sistema nacional de acolhimento acabam por colocar sobre as crianças da instituição um rótulo negativo que não beneficia a sua integração. “Por revelarem atrasos na aprendizagem são encaminhados para o ensino especial, o que é muito prejudicial para eles – ficam logo ‘arrumados’”, explica o diretor da Via Nova, que aponta a instabilidade emocional como principal causa dos atrasos na aprendizagem. “Já houve um caso de um grupo de pais que se juntou para expulsar da turma um dos nossos meninos, que hoje em dia é aluno de Bom”, refere, orgulhoso, acrescentando que se trata de um dos jovens que, de modo exemplar, ajudou a pôr e levantar a mesa. Hugo Cruz, membro da equipa de acompanhamento técnico ao lado de Maria João Leote e Daniel Sampaio, confirma a má imagem dos lares de acolhimento: “Sempre que se fala de crianças institucionalizadas é pela negativa; podemos fazer um esforço, que não vamos lembrar-nos de casos de sucesso. Aponta-se o dedo à instituição, aos técnicos e até aos próprios jovens. Queremos contribuir para mudar isto. Queremos obrigar a sociedade a olhar para este tema de outra forma.” Porque estar institucionalizado não tem de ser sinónimo de insucesso. Há casos como o de um dos rapazes da Oficina de São José, que ingressou este ano na Faculdade de Direito da Universidade Coimbra. Antes de ir morar sozinho, foi necessário aferir se estavam reunidas todas as condições para que isso acontecesse. Estavam, à exceção de uma: a habilidade para as tarefas domésticas. Teve então um curso



Oficina de São José, Braga



Sala de estudo do lar de Nossa Senhora de Fátima, em Reguengos de Monsaraz, já renovada.

intensivo de cozinha, limpeza, organização de espaços, tudo apreendido sem grande dificuldade e posto em prática agora na residência universitária.

#### **VOAR SOZINHO**

“Ali ao fundo”, diz Carlos Bento a apontar para um conjunto de casinhas brancas a umas centenas de metros do edifício principal, “são os apartamentos de autonomização.” Nestes

apartamentos vivem os mais velhos, os que praticamente já voam sozinhos.

A reintegração na família nuclear nem sempre é solução e, nesse caso, a adoção ou a integração junto de outros membros da família também podem ser um caminho. Contudo, é o projeto de vida autónoma que ocupa um dos lugares cimeiros na lista das formas de intervenção mais frequentes. Em Reguengos de Monsaraz, a ala de autonomização também já está a ser preparada e receberá em breve as primei-

## **O sistema nacional de acolhimento: tipologia das respostas**

1

De modo a providenciar uma solução adequada a cada caso, o sistema nacional de acolhimento engloba várias respostas sociais, sendo as mais importantes os Centros de Acolhimento Temporário (CAT), os Lares de Infância e Juventude (LIJ) e os Apartamentos de Autonomização.

Enquanto os primeiros se destinam ao acolhimento urgente e temporário de crianças e jovens em perigo por um período não superior a seis meses, os LIJ pressupõem um acolhimento mais prolongado e, por esse motivo, implicam uma maior preocupação com o futuro das crianças e jovens acolhidos, sobretudo no que respeita ao desenvolvimento pessoal e à formação escolar e profissional. Por outro lado, os apartamentos de autonomização, inseridos na comunidade local, destinam-se a apoiar a transição para a vida adulta de jovens que já possuem determinadas competências.

Das instituições apoiadas no âmbito deste programa, apenas a Casa do Canto é Centro de Acolhimento Temporário, sendo as restantes Lares de Infância e Juventude. A Oficina de São José e a Associação Via Nova incluem também a componente de apartamento de autonomização, e o Lar de Nossa Senhora de Fátima possui uma ala de pré-autonomização.

ras duas jovens. Mas os mais novos também podem começar a dar os primeiros passos no caminho da autonomia: “Temos tido uma grande adesão aos ateliês de costura e de carpintaria/bricolage e estamos a desenvolver um projeto de aprendizagem de competências de eletricidade para os rapazes, dado que estes têm demonstrado interesse em aprender a mudar um interruptor ou uma lâmpada para, quando viverem sozinhos, conseguirem arranjar ou montar algo que seja necessário”, conta Vânia Pereira, acrescentando que os jovens “têm vindo a despertar para os desafios da vivência autónoma que os espera no futuro”.

Em Braga, começa-se desde cedo a aprender alguns truques práticos do manual de sobrevivência, como a execução de tarefas domésticas, a marcação de consultas, as idas ao banco ou as idas às compras – sempre sob a supervisão de adultos.

A gestão do dinheiro é uma preocupação transversal a todos os projetos. No lar da Via Nova, abriu um pequeno bar que é gerido exclusivamente pelos jovens. Na Casa do Canto, a preocupação é que não se repita o episódio de uma jovem que tinha dinheiro para depositar no banco e preferia gastá-lo num telemóvel. “Quando fomos com ela fazer o depósito, as lágrimas corriam-lhe”, conta uma das técnicas da equipa. “É preciso que percebam desde já que é importante poupar e fazer uma gestão racional dos recursos.”

Mas as competências sociais também saem reforçadas. Cristina Velho dá o exemplo de uma jovem acolhida na Casa do Canto que, depois de alguma resistência, acabou por aceitar o convite para participar nas aulas de música, nas quais se saiu muito bem. “O seu investimento ao nível da formação musical, e naturalmente a sua vocação, fez com que se tornasse uma das jovens mais motivadas. Não só aprendeu a tocar viola, como, mais tarde, ingressou num coro musical da comunidade. Estas experiências permitiram que construíse uma rede social, dentro e fora da Casa, que em muito veio a contribuir para o desenvolvimento da sua autoconfiança e



Oficina de São José, Braga

segurança”, conta Cristina. Voltou entretanto a viver com a mãe e está inscrita numa escola de música.

É esperado que, no final dos três anos de apoio da Fundação Gulbenkian, as quatro instituições tenham conseguido fazer um percurso que lhes permita refletir, tirar conclusões e produzir algum conhecimento científico, que nesta área é praticamente inexistente em Portugal.

Mas, mais que isso, é importante que tenha sido proporcionado a estas crianças e jovens em acolhimento uma maior estabilidade e uma maior preparação para o que o futuro lhes reserva. Neste aspeto, os desejos de Vânia Pereira parecem coincidir com os dos outros diretores técnicos. “No final dos três anos, imagino o lar como uma casa de família, na qual se preparam os jovens para um voo seguro para fora do ninho. Nessa casa são os próprios jovens que organizam e gerem as rotinas diárias e aprendem, a partir da vivência com o grupo, a estar em sociedade, sentindo e interiorizando diariamente os seus direitos e os seus deveres.” ■

## Programa Crianças e Jovens em Risco

2

O apoio às instituições de acolhimento de crianças e jovens surge inserido num programa mais alargado que nasceu em 2008. Numa primeira fase (2008-2011), o Programa Crianças e Jovens em Risco apoiou oito projetos-piloto de acompanhamento a famílias com crianças identificadas como estando em risco ou perigo, nos concelhos de Amadora, Lisboa, Setúbal e Sintra. O objetivo central era evitar que fossem retiradas às famílias e entregues ao cuidado de uma instituição de acolhimento. Ao longo deste período, as atividades desenvolvidas junto dos pais e cuidadores ajudaram a melhorar o exercício da parentalidade nas suas múltiplas dimensões: satisfação das necessidades fundamentais e a um desenvolvimento equilibrado dos filhos; afetos e qualidade da relação; valores, regras e limites. As metodologias utilizadas, as conclusões e as recomendações de cada um dos projetos estão disponíveis no livro *Crianças e jovens em risco – a família no centro da intervenção* (Princípia, 2011).

# Fundação Gulbenkian mais acessível a todos

No dia 11 de novembro, durante a conferência *Deficiência e Inclusão*, a Fundação Gulbenkian recebeu o **Selo Acesso**, uma distinção que reconhece o esforço na criação de melhores condições e mais acessibilidade para quem tem necessidades especiais. Guida Faria, presidente da Fundação Liga e que se dedica à causa das pessoas portadoras de deficiência há 60 anos, deixou um apelo às outras organizações do país: “Espero que o exemplo da Fundação Calouste Gulbenkian possa ser alargado a outras fundações.” Ao receber o Selo Acesso, a administradora da Fundação Isabel Mota mostrou-se orgulhosa e deixou a promessa de que a Fundação continuará a melhorar as suas estruturas, para que possa ser acessível a todos.

## ACESSIBILIDADE NA GULBENKIAN O QUE É QUE MUDOU?

A renovação e melhoria das acessibilidades da Fundação Calouste Gulbenkian iniciou-se há uma década. “Esta vontade já é mais notória pelo menos há dez anos”, diz Maria João Botelho, diretora-adjunta dos Serviços Centrais da Fundação, que tem estado ligada a esta mudança. Um processo desta natureza começa, antes de mais, com a vontade de mudar e foi isso mesmo que levou a Fundação a assumir este desafio: “Com a maior consciencialização que a Fundação tem vindo a adquirir, começou-se a reconhecer a necessidade de introduzir estas melhorias no nosso espaço.” As dificuldades passaram essencialmente pela necessidade e vontade de manter o respeito pelo projeto de arquitetura original e pela sua classificação como monumento nacional. Todas as mudanças deveriam ser feitas sem afetar a beleza da traça original da Fundação. Com isto em mente, foi pelo Jardim que se começaram a fazer estas alterações, quando em 2011 se projetaram as obras que viriam a dar origem a novos caminhos e novos acessos aos espaços exteriores da Fundação, mais favoráveis a quem tem dificuldades na sua mobilidade.



Rampa de acesso © Márcia Lessa

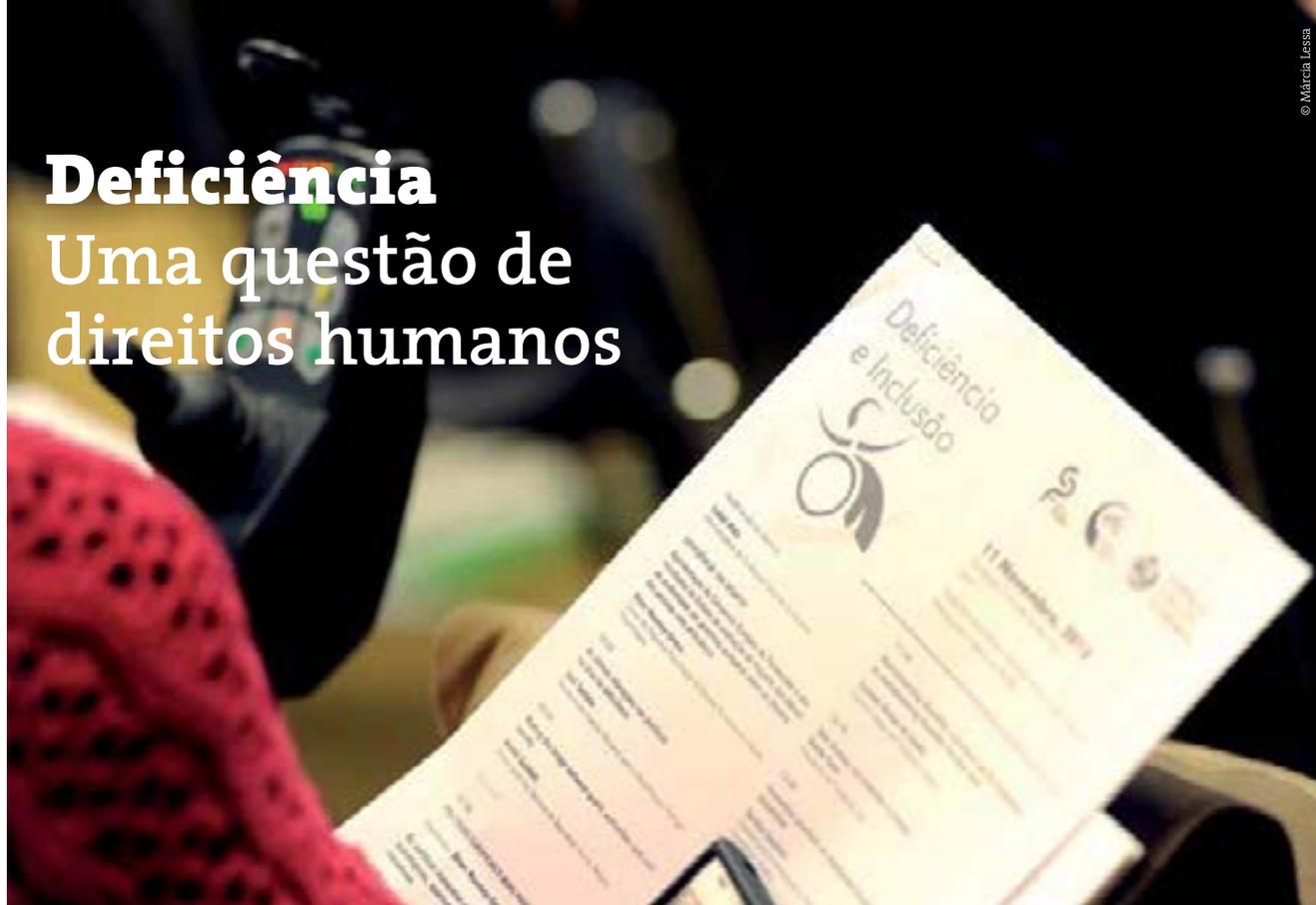
O edifício Sede teve também melhorias, nomeadamente à entrada onde existe agora uma nova rampa de acesso. Em todo o edifício e no Jardim, adicionaram-se novas sinalizações, mais claras e abrangentes; estacionamento para pessoas com mobilidade reduzida; rampas e, em certas zonas, piso tátil. As alterações estão expostas no Guia Acesso, disponível na Fundação e que também existe em braille. Estas mudanças nas acessibilidades nascem não só de uma vontade interna da Fundação, mas também das recomendações feitas pela equipa do Selo Acesso, criada em 2010 por membros da Fundação Liga e do Centro Português de Design. O resultado é uma Fundação mais inclusiva e acessível a todos, num processo que culminou com a entrega do Selo Acesso e que promete continuar a melhorar a Fundação Calouste Gulbenkian. ■



Piso tátil © Márcia Lessa

# Deficiência

## Uma questão de direitos humanos



*No dia 11 de novembro, especialistas portugueses e estrangeiros debateram os desafios da deficiência, sobretudo no que respeita às políticas públicas, aos direitos e às boas práticas de empregabilidade e ao papel da sociedade civil nas questões da inclusão. Neste encontro organizado pela Fundação e pelo Centro Europeu de Fundações (EFC), com o apoio do Centro Português de Fundações, houve ainda lugar para uma mesa-redonda subordinada ao tema “Deficiência e Inclusão: um Desafio para todas as partes”, que permitiu que fossem ouvidas as vozes das pessoas portadoras de deficiência e dos que trabalham diariamente com a diferença. Um diálogo que resultou na apresentação de propostas de ação e num conhecimento mais profundo das barreiras e das dificuldades de uma completa integração.*

“Cada um de nós irá sofrer algum tipo de deficiência ao longo da vida – seja ela temporária ou permanente.” Foi assim que Brian Kearney-Grieve, diretor executivo do Programa para a Conciliação e Direitos Humanos da Atlantic Philanthropies, deu arranque ao encontro sobre *Deficiência e Inclusão*. Com esta frase, Brian Kearney-Grieve quis deixar claro que a deficiência é um tema que toca a todos, relevando o trabalho do Consórcio Europeu de Fundações para a Deficiência (EFC) tendo em vista a monitorização da implementação da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência e a divulgação de bons exemplos nesta área.

Antes, Isabel Mota tinha enquadrado a problemática da inclusão da deficiência no atual panorama de austeridade a nível europeu: “Sem dúvida que muitas destas medidas de austeridade colocam em risco os objetivos da estratégia da União Europeia”, vaticinou a administradora da Fundação Calouste Gulbenkian. Isabel Mota referiu-se a estratégias relativas ao emprego, à educação, à pobreza e à exclusão social, designadamente à meta de aumentar para 75 por cento a empregabilidade das pessoas com deficiência até 2020 ou de reduzir para menos de 20 milhões as pessoas em risco de pobreza ou de exclusão social. Dados



Intervenção da administradora Isabel Mota com linguagem gestual portuguesa

estes fatores, Isabel Mota é da opinião de que a responsabilidade de instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian passa a ser ainda maior, afirmando mesmo que “as fundações devem assumir-se como agentes de mudança capazes de inspirar novas visões e formas de atuar para a inclusão de todas as pessoas”.

Nesta sessão, em que foram apresentados os resultados do *Estudo de Avaliação do Impacto dos Planos de Austeridade dos Governos Europeus sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*, vários especialistas apresentaram as suas visões sobre a deficiência e a inclusão e a premência da grande mudança de paradigma trazida pela CRPD (Convenção dos Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiência) das Nações Unidas. Esta mudança implica uma viragem na abordagem à problemática da deficiência, transformando-a numa questão de direitos humanos, em vez de uma questão puramente médica ou económica, como era tantas vezes vista.

José Serôdio, presidente do Instituto Nacional para a Reabilitação em Portugal, falou sobre os esforços efetuados no nosso país para cumprir os objetivos apresentados na Convenção, dizendo até que “o princípio da igualdade é um dos princípios estruturantes do sistema constitucional português”. Por seu lado, André Gubbels, diretor-geral dos Serviços de Segurança Social da Bélgica, a partir da apresentação dos resultados do Estudo Handilab, realizado pelo governo belga sobre a situação de vida das pessoas com deficiência, veio reforçar a necessidade da mudança de

paradigma, falando sobre o desafio que é manter, ou até aumentar, o apoio às pessoas portadores de deficiência numa altura de austeridade. Gubbels defende que parte da solução terá de vir da participação dessas pessoas nas decisões. Sofia Lourenço, gestora de políticas na Comissão Europeia, abordou o tema das políticas europeias para a deficiência e defendeu a “acessibilidade como pré-requisito para uma participação total na sociedade”, tema que acabou por ser também abordado por Carmen Arroyo de Sande, do Centro Europeu de Fundações, na sua apresentação do *Guia Prático para a Integração da Deficiência na Atividade das Fundações*. Carmen Arroyo de Sande falou da necessidade de criar uma sociedade acessível a todos e reforçou o papel das próprias pessoas portadoras de deficiências na defesa dos seus direitos.

Durante a sessão da tarde, numa mesa-redonda moderada pela vice-presidente da Cruz Vermelha Portuguesa, Cristina Louro, ouviram-se as vozes de especialistas na matéria e das pessoas que estavam a assistir. Miguel Palha, Jorge Casimiro, Jorge Falcato Simões, Vera Bonvalot e Salvador Mendes de Almeida apresentaram experiências e pontos de vista sobre questões relacionadas com acessibilidades, comunicação e informação para a inclusão das pessoas com deficiência. Numa conversa emotiva, várias pessoas portadoras de deficiência ou com fortes ligações às mesmas lançaram o repto: está na altura de passar à ação e aplicar as ideias propostas neste dia dedicado à deficiência e à inclusão. ■



Treze dos 21 bolsheiros estrangeiros 2013 com o administrador Eduardo Marçal Grilo e a diretora do Serviço de Bolsas Gulbenkian, Margarida Abecasis © Márcia Lessa

## **Estrangeiros que estudam em português**

*Cruzam-se muitas vezes em arquivos de referência, como a Torre do Tombo ou a Biblioteca Nacional. Estudam Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner, o urbanismo português ou a música tradicional portuguesa, mas não são portugueses. Vêm de Itália, Espanha, Estados Unidos, Brasil e Colômbia, mas também da Rússia, Índia, China, e ainda de Cabo Verde. Em 2013 foram 21 as bolsas atribuídas pela Fundação Gulbenkian a investigadores estrangeiros, que trabalham temas da Cultura Portuguesa ou Lusófona.*

**A** apresenta-se como Sofia Minfen Zhang, e é esse o nome que consta do seu cartão de visita, em português. É professora do Departamento de Português na Faculdade de Línguas Ocidentais da Universidade de Shangai. Está em Portugal desde o início de outubro. Já tinha estado em Lisboa por um breve período no ano 2000. Perguntamos se sentiu alguma diferença. Responde que “agora há mais movimentação”, num português corretíssimo, mas entrecortado por ritmos linguísticos de outras paragens. Essa movimentação, de resto, não lhe causa grande impressão: afinal, Sofia vem de uma cidade com 24 milhões de pessoas. A sua universidade, em Shangai, é uma das mais antigas com licenciatura em português. Hoje já são quase vinte as universidades chinesas onde se aprende português. “Há cada vez mais cooperação cultural, económica e comercial entre a China e os países lusófonos”, diz Sofia. Uma realidade muito diferente daquela em que vive mergulhada no seu trabalho de investigação e que irá resultar na tese “A Imagem dos Letrados Chineses na Literatura Portuguesa dos Séculos XVI e XVII” e que parte da presença dos jesuítas portugueses na China e os manuscritos por eles redigidos. Está agora em fase de levantamento bibliográfico e documental e não tem mãos a medir para recolher todo o material que vai encontrando, entre a Biblioteca da Ajuda e o Centro Científico e Cultural de Macau. Durante um encontro realizado na Fundação Gulbenkian, que reuniu a maior parte dos investigadores estrangeiros a quem foram atribuídas bolsas este ano, Sofia é a primeira a retomar as apresentações do trabalho que cada um está a desenvolver, após uma pausa para almoço.

Durante a manhã, já tinha havido apresentações sobre vários temas nas áreas de História, História de Arte e Literatura. Foi um encontro produtivo a vários níveis, sobretudo quando os investigadores cruzaram impressões sobre a consulta de fontes. Assim aconteceu quando Sofia terminou a sua apresentação e Jairzinho, investigador de História Eclesiástica e Religiosa de Cabo Verde, lhe sugeriu a consulta de documentação no Arquivo Histórico Ultramarino, sugestão de que Sofia tirou nota atentamente.

#### **“A MINHA GERAÇÃO NÃO PODE COMETER O ERRO DE SER INDIFERENTE”**

Com 31 anos, Jairzinho Lopes Pereira, natural da ilha de Santiago, pretende publicar uma obra de referência sobre a História da Igreja em Cabo Verde. Doutorada em Teologia pela Universidade de Helsínquia, é o único deste grupo de bolsiros estrangeiros a trabalhar sobre um tema lusófono, e não especificamente português, e é também um dos que revela maiores ambições. Numa conversa informal, contou-nos que ganhou três medalhas nos campeonatos nacionais de atletismo da Finlândia, enquanto fazia o doutoramento em Helsínquia. Continua a treinar, mas diz que



Sofia Minfen Zhang © Márcia Lessa

já não tem objetivos de competição. As suas prioridades agora são o estudo, a família e, claro, Cabo Verde. Na entrevista que se segue fala-nos um pouco do seu percurso e das suas aspirações.

#### **COMO É QUE CHEGOU A PORTUGAL?**

Cheguei a Portugal no dia 13 de outubro de 2001 e comecei a licenciatura de História [na Universidade de Coimbra] nesse ano, que foi intenso, de muito estudo. O primeiro choque foi perceber que o meu nível de expressão portuguesa, tanto escrita como oral, não estava à altura da ambição que eu tinha, que era muito particular, de deixar marca. Não queria ser apenas mais um aluno entre outros, mas sim um excelente aluno. Cheguei, portanto, com o objetivo de estudar a sério. Sai-me bem no primeiro ano, mas lembro-me de chegar a estudar doze horas por dia, das quais quatro eram dedicadas à Gramática. Fui o melhor aluno do meu curso de licenciatura e ganhei todos os prémios ao alcance de um aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, incluindo o prémio de mérito. Ao mesmo tempo, trabalhei também. Alguns trabalhos mais agradáveis, outros menos.

#### **O QUE FAZIA?**

No primeiro ano trabalhei no Mercado Abastecedor de Coimbra, ao final da noite. Houve uma altura em que trabalhei das duas às seis da manhã. Também trabalhei numa indústria de carnes, nos arredores de Coimbra, e num restaurante. Depois no Arquivo da Universidade de Coimbra.



Margarida Abecasis, Eduardo Marçal Grilo e Jairzinho Lopes Pereira © Mária Lessa

Foi sempre um trabalho muito intenso, mas mesmo assim vivi a fundo a vida estudantil: a Queima, as festas, os namoros... Era muito popular entre as “raparigas Erasmus” [risos]. Namorei uma finlandesa, que hoje é uma das minhas melhores amigas.

#### **FOI ASSIM QUE SE INTERESSOU PELA UNIVERSIDADE DE HELSÍNQUIA?**

Sim, primeiro foi a beleza finlandesa; depois comecei a visitar o país e a familiarizar-me com a Finlândia. Mas o que motivou a escolha [de fazer doutoramento na Universidade de Helsínquia] não foi o namoro, era só o que faltava! Foi, essencialmente, uma questão académica: tinha estudado Santo Agostinho e Martinho Lutero e, desde o início, apercebi-me de que não havia condições em Portugal para desenvolver um estudo consistente e exaustivo sobre Martinho Lutero. Com uma bolsa de três meses da Fundação Gulbenkian fui para Paris preparar o projeto da tese e depois fiz então o doutoramento em Helsínquia com uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Estudar Lutero é complicado. Lembro-me, durante a preparação da tese, de encontrar traduções para francês das obras completas de Lutero na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, mas para as ler tinha de levar um acetato que separasse as páginas, porque há décadas que estavam ali, sem nunca ninguém as folhear! Era um

território virgem, por isso fui para Helsínquia. E foram anos bem passados.

#### **COMO SURTIU ENTRETANTO A IDEIA DE PUBLICAR UMA HISTÓRIA DA IGREJA EM CABO VERDE?**

Fiz uma monografia para a licenciatura sobre “Metafísica de Temporalidade em Santo Agostinho” e depois o meu doutoramento foi sobre Santo Agostinho e Martinho Lutero. Mas sempre senti, enquanto académico, algum dever de colaborar e de dar o meu contributo para o desenvolvimento da historiografia cabo-verdiana. E sendo a historiografia eclesiástica e religiosa um dos meus temas favoritos, pensei: “Não há uma História da Igreja em Cabo Verde. Porque não começar?” Espero que isto não soe presunçoso, mas sinto-me bem preparado para o fazer e sinto que sou uma das pessoas certas para este trabalho. Cabo Verde não tem, ainda, uma tradição académica. Temos apenas dez, doze anos de universidades – a primeira universidade abriu em 2001, exatamente no ano em que eu saí de Cabo Verde. Não temos teólogos. Entre os nossos padres, muito poucos estudam, para além de que temos falta de padres, não nos podemos dar ao luxo de os mandar estudar para fora, senão ficamos sem atividade pastoral. Como leigo e académico, gostaria de dar este contributo e publicar dentro de alguns anos uma obra de referência sobre a História da Igreja em Cabo Verde, com alguma colaboração.

Também tenho outros interesses, como a Ciência Política e o Direito Internacional Público, mas neste momento quero dedicar-me à Teologia e à História da Igreja. Para já, ando a estudar coisas interessantes, como a formação do clero nativo, a teologia moral que se ensinava, as relações de facto entre a igreja e o poder secular, enfim, todo um vasto leque de assuntos. A Igreja é a instituição primeira para se ler a História de Cabo Verde, daí o meu interesse no tema.

**A PROPOSTA DE ORÇAMENTO DO ESTADO PARA 2014 ANUNCIA UM CORTE DE 47 POR CENTO PARA O INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL [TUTELADO PELO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS], QUE INTEGRA O ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. ENQUANTO INVESTIGADOR, COMO VÊ ESTAS NOTÍCIAS?**

São notícias verdadeiramente preocupantes, por uma razão muito simples: no cômputo geral, continua a falar-se muito na cooperação com a CPLP – pelo menos essa é a retórica do Estado português –, mas num arquivo com o nível do Arquivo Histórico Ultramarino não se podem fazer cortes deste calibre. Nós, investigadores, vemos este problema como uma ameaça muito séria à investigação científica. Para os territórios ultramarinos, este arquivo é a grande fonte de documentação. A Torre do Tombo, a Biblioteca da Ajuda, a Biblioteca Nacional, e mesmo o Arquivo do Vaticano, são complementares. Mas não se pode conceber uma investigação científica sobre os territórios ultramarinos sem o Arquivo Histórico Ultramarino.

**REGRESSAR A CABO VERDE FAZ PARTE DOS SEUS PLANOS?**

A minha mulher é belga e tenho um filho que completou há pouco tempo um ano. O meu projeto de vida é concentrar-me no meu trabalho e dar o máximo possível a Cabo Verde. Acho que o país precisa de um engajamento sério de indivíduos da minha geração. Cabo Verde tem ultrapassado desafios quase inultrapassáveis, mas, olhando para a sua história, a grande força do país têm sido os recursos humanos e a minha geração não pode cometer o erro de ser indiferente, senão o país corre o risco de falhar. Eu estudei e muitos da minha geração estudaram, mas isso não é sufi-



Jairzinho Lopes Pereira © Márcia Lessa

ciente. É preciso também levar os conhecimentos práticos para o país. Já discuti isto com a minha mulher, e está mais ou menos decidido que, dentro de alguns anos, nos radicaremos em Cabo Verde. Quero servir o meu país, contribuir para a consolidação do ensino em Cabo Verde, para a emancipação da classe académica, para a difusão de uma cultura de investigação e uma cultura de educação para os valores. Acho que seria algo egoísta um indivíduo com a minha formação não pensar em ajudar Cabo Verde. ■

## **Bolsas de Investigação para Estrangeiros**

Com o objetivo de estimular a difusão da cultura portuguesa em países estrangeiros, a Fundação Gulbenkian, através do Serviço de Bolsas Gulbenkian, concede bolsas de investigação em Portugal, no campo das Humanidades, a pós-graduados de nacionalidade estrangeira que realizem doutoramento em temas de cultura portuguesa ou lusófona (História, Arte, Literatura, Ciência Política) ou que tenham em vista a publicação de trabalhos sobre estes temas. O período para apresentação de candidaturas decorre geralmente durante o mês de março. As bolsas têm uma duração máxima de 10 meses. Mais informações: [www.gulbenkian.pt/apoios](http://www.gulbenkian.pt/apoios)



Jürgen Habermas na Fundação © Márcia Lessa

# Habermas na Fundação Gulbenkian

## Uma Europa egoísta ou solidária?

Jürgen Habermas, um dos maiores pensadores no nosso tempo, esteve no final de outubro na Fundação Gulbenkian como convidado especial de uma conferência internacional sobre Educação. A presença do filósofo e sociólogo alemão prendeu-se com a recente tradução da sua obra *A Transformação Estrutural da Esfera Pública*, pela Fundação Gulbenkian, no âmbito da sua série de Manuais Universitários, e também com a passagem dos 51 anos do Plano de Edições da Fundação.

Perante um auditório cheio, e seguido por videoconferência nos vários espaços da Fundação equipados para o efeito, Habermas falou dos tempos atuais, substancialmente diferentes daqueles que inspiraram esse livro escrito na década de 1960 e que se tornou uma obra de referência na cultura europeia, influenciando várias gerações. O filósofo iniciou a sua comunicação assumindo a sua escassa relação com o mundo digital (“esse admirável mundo novo”), para logo a seguir falar de uma nova realidade, eventualmente menos admirável, de uma Europa em profunda transformação em resultado da globalização e da desregulamentação dos mercados.

Essa transformação assenta no cada vez menor poder de decisão dos Estados face a uma conjuntura internacional

que tem vindo a tornar os governos dependentes do poder financeiro, levando a uma inevitável fragilização das democracias. “Os Estados-nação tiveram de entregar o controlo dos mercados e já não puderam desempenhar o papel independente que lhes cabe. Numa sociedade mundial altamente interdependente, mesmo as superpotências estão a perder a sua autonomia funcional em importantes domínios”, disse Habermas.

Esta perda de influência dos Estados tem conduzido a uma resposta ambivalente dos cidadãos das democracias ocidentais, que varia entre uma apatia política, resultante de afastamento em relação aos partidos, e um aumento da pressão das minorias mais ativas e dos grupos de protesto exigindo uma democracia direta. Esta atitude enquadra-se naquilo que Habermas classifica de “síndrome da pós-democracia”, um padrão dominado pelo descontentamento: “As pessoas zangam-se, protestam, desiludem-se e voltam costas à política.” É uma recusa “autoconsciente”, explica.

Neste cenário marcado pelo desânimo e de incerteza, o filósofo aponta, no entanto, uma saída: a “transnacionalização da democracia”, que consiste em alargar as fronteiras da legitimação democrática para lá das fronteiras do Estado-nação. A primeira destas instituições poderia até



Hall de conferências durante a palestra de Jürgen Habermas © Márcia Lessa

ser a União Europeia, mas a atual crise do euro mostra claramente que esta mudança não é tarefa fácil. “O caminho que esta crise tomou mostrou-nos que é necessário mudar de política. A União Monetária da Europa implica um enquadramento comum de políticas fiscais, económicas e sociais. Só isto lhe permitirá libertar-se das garras dos mercados financeiros e responsabilizar os investidores e não os contribuintes.”

É, pois, fundamental, defende o filósofo, que os países passem a olhar uns para os outros como parte de uma mesma comunidade, independentemente das fronteiras, afastando os egoísmos nacionais e adotando uma perspetiva comum. “O que é preciso é encontrar coragem para encontrar estratégias alternativas, assumindo os custos que elas implicam.” Apesar de estarmos perante um desafio de dimensões históricas, “os partidos estão a agir de forma tímida, senão oportunista”, evitando a questão da solidariedade europeia, que, de acordo com Jürgen Habermas, é a única forma de a Europa vencer esta crise.

Na apresentação da conferência que precedeu esta comunicação, Artur Santos Silva, presidente da Fundação Gulbenkian, tinha descrito o filósofo e sociólogo alemão como um “europeu como já não há”, cujo pensamento constitui “um estímulo e um desafio para que os políticos europeus saibam encontrar um caminho mais visionário, que respeite a ambição e a solidariedade dos fundadores do ideal europeu”. Também José Gomes Canotilho, administrador da Fundação, convidado a fazer a apresentação do orador, se referiu a Habermas como um “cidadão do mundo” e um “angustiado da razão”, que aos 84 anos de idade ainda consegue forças para prosseguir “o seu longo e brechtiano impulso de melhorar a Europa e o mundo”.

## OS LIVROS E O DIGITAL

Para além de Jürgen Habermas, esta conferência contou com outra intervenção de fundo, a cargo de John Thompson, professor de Sociologia na Universidade de Cambridge, que falou sobre as alterações estruturais que se têm verificado na indústria livreira no mundo anglo-saxónico nos últimos tempos. Em tempos de turbulência provocada pela revolução digital, Thompson traçou um quadro de possibilidades de uma indústria em profunda mudança.

Esta conferência serviu de palco para o lançamento dos dois primeiros volumes da nova *Gramática do Português*, editada pela Fundação, que levou mais de uma década a produzir, envolvendo uma equipa de mais de 40 especialistas, e que pretende estabelecer-se como uma referência para professores e estudantes da língua. Foi ainda divulgado um estudo inédito, desenvolvido pelo Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE e apoiado pela Fundação Gulbenkian, realizado em 16 países, que revela que a leitura de livros em formato digital não substituiu a dos livros em papel, mas que aponta para uma mudança do paradigma da leitura por causa dos novos suportes e da internet. Apesar de Portugal estar abaixo da média na leitura de livros digitais, os portugueses leem mais *tweets* e *posts* do que a média europeia, adianta o mesmo estudo, coordenado por Gustavo Cardoso e que inquiriu leitores de seis países europeus – Alemanha, França, Itália, Espanha, Reino Unido e Portugal – e ainda Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Esta conferência foi organizada pelo Programa Gulbenkian Qualificação das Novas Gerações, que assim retoma os fóruns internacionais sobre temas educativos organizados pela Fundação desde 2000. ■

# Michel Wieviorka e os valores universais

O sociólogo Michel Wieviorka, autor de livros como *A Diferença* (ed. Almedina) ou o mais recente *L'impératif numérique*, sobre a sociedade em rede e os desafios que coloca às ciências sociais, é o próximo convidado do ciclo de conferências “Tudo se transforma”, na delegação da Fundação Gulbenkian em França, no dia 11 de dezembro. O título da conferência – *Devemos ou podemos reformular os valores universais?* – remete para a própria interrogação



européia sobre os valores atuais e a sua generalização, a questão das identidades e das particularidades de cada nação. Michel Wieviorka tem estudado a fundo os temas do racismo, terrorismo e violência, bem como os movimentos sociais, e fará nesta conferência uma abordagem sobre os valores que nos guiam atualmente. Wieviorka é o administrador da Maison des sciences de l’homme e diretor de estudos na École des hautes études en sciences sociales, em Paris. ■



Lídia Jorge, Eduardo Lourenço, Gonçalo M. Tavares (na foto), são alguns dos nomes que passaram ao longo deste ano pela delegação em França da Fundação Gulbenkian na programação dos Rencontres de la Lusophonie. Estes encontros juntam conversas com escritores, apresentação de livros, conferências temáticas e debates sobre obras ou estudos lusófonos, todos relacionados com o espólio da biblioteca da delegação.

Ao instalar-se no Boulevard de la Tour Maubourg, em Paris, a biblioteca passou a dispor de novas valências tecnológicas, de uma zona multimédia e de um espaço amplo para acolher o seu valioso acervo de 90.000 livros, o maior em português fora do nosso país e do Brasil. Tal como refere o diretor da delegação, João Caraça, as conferências são asso-

## Em português nos entendemos

ciadas ao trabalho da biblioteca, procurando que nelas se discutam temas lusófonos, mas também que “da parte dos presentes haja um interesse para ir mergulhar na biblioteca, para aprofundar não só o que se debateu, mas para outros temas que surjam ao leitor na hora da consulta”.

Em novembro, os Rencontres mostraram o dinamismo da nova literatura angolana, mas também evocaram os 50 anos da publicação do livro de Herberto Helder *Os Passos em Volta*, num colóquio em colaboração com a Universidade de Sorbonne. Este mês, no dia 5, realizar-se-á mais um colóquio sobre a língua, em parceria com o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua. Como refere João Caraça, esta é uma forma de “fazer da biblioteca não só um espaço de reflexão e de investigação, mas também de animação”. ■



## Últimos dias de Present Tense

Com curadoria de António Pinto Ribeiro, a exposição Present Tense, que reúne trabalhos de vários fotógrafos do Sul da África, representando diferentes gerações do pós-apartheid, ainda pode ser vista até 15 de dezembro, em Paris, na delegação da Fundação Gulbenkian, numa coprodução com o Próximo Futuro. ■



Ruben Alves, José Albergaria e Cristophe Fonseca © Isabel de Barros

## Desafios das novas gerações luso-descendentes em França

Um debate sobre “Emprego e Criatividade” juntou à mesma mesa, na delegação em França da Fundação Gulbenkian, três jovens criadores portugueses e luso-descendentes. O realizador de *A Gaiola Dourada*, Ruben Alves, o autor e realizador Cristophe Fonseca, e o *designer* José Albergaria, foram os convidados da mesa-redonda moderada por Luc Gruson, responsável pela Cité nationale de l’histoire de l’immigration.

Cinquenta anos passados sobre a grande vaga de emigração portuguesa para França, os filhos e netos dos que procura-

vam melhores condições de vida e liberdade dão hoje a sua contribuição para a criação artística europeia. O debate, organizado em novembro pela delegação da Fundação e pelo Consulado Geral de Portugal em Paris, quis contribuir para a discussão sobre a criatividade, mas também sobre o impacto e os desafios do seu trabalho em França. Numa altura em que os jovens portugueses enfrentam dificuldades de emprego e que regressa o apelo da emigração, este debate não deixou de abordar também os desafios que se colocam hoje às novas gerações na Europa. ■

# Ratos resistem ao *Toxoplasma*

Um dos mais comuns parasitas no mundo, o *Toxoplasma gondii* (responsável pela toxoplasmose), é capaz de infectar a maior parte dos animais de sangue quente. Normalmente, a infecção por *Toxoplasma* não causa a morte do organismo parasitado – o hospedeiro –, mas há estirpes mais agressivas ou virulentas que podem ser fatais para o hospedeiro, dando-se também a interrupção do ciclo de vida do parasita. Jonathan Howard, diretor do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), liderou a investigação que resultou na descoberta de um mecanismo que permite a alguns ratos sobreviver a infecções causadas por estirpes virulentas de *Toxoplasma*. O estudo, desenvolvido no Institute for Genetics da Universidade de Colónia (Alemanha) e no IGC, foi recentemente publicado na revista científica *eLife*.

O *Toxoplasma* tem um ciclo de vida curioso, precisando de mais do que um hospedeiro. O principal hospedeiro é o gato, onde o parasita se consegue reproduzir sexualmente e libertar uma enorme quantidade de ovos nas fezes. A transmissão para outros animais acontece quando estes entram em contacto com as fezes dos gatos. Ao infectar o hospedeiro intermediário, o parasita normalmente aloja-se em cistos nos músculos e no cérebro do seu hospedeiro, ficando numa forma dormente. Os ratos desempenham um importante papel no ciclo de vida do *Toxoplasma*, pois ao serem caçados por gatos permitem que o parasita complete o seu ciclo de vida.

Se a agressividade do parasita for demasiado baixa, o sistema imunitário do hospedeiro pode eliminá-lo facilmente. Mas se a estirpe for muito virulenta pode provocar a morte do hos-



© Roberto Keller

pedeiro antes de o parasita completar o ciclo de vida. É assim necessário alcançar um equilíbrio entre a virulência do parasita e a resistência do hospedeiro, para benefício de ambos. Esta equipa de investigação descobriu que muitas estirpes de ratos existentes na natureza têm umas proteínas do sistema imunitário – as IRG – que conseguem resistir às estirpes virulentas de *Toxoplasma* e combater a infecção. Pelo contrário, os ratinhos de laboratório, embora tenham proteínas IRG, não têm as proteínas que conferem a resistência ao *Toxoplasma* agressivo e morrem com a infecção. Jonathan Howard explica que os mecanismos de virulência do *Toxoplasma gondii* e de resistência dos ratos devem ter evoluído paralelamente. Quanto ao facto de nem todos os ratos serem tão resistentes, explica: “Suspeitamos que manter um sistema de proteínas IRG altamente resistente pode ser muito dispendioso, embora não saibamos porquê. De facto, o sistema IRG desapareceu de vários grupos de vertebrados, talvez por estes não serem hospedeiros importantes para o *Toxoplasma*.” ■

## Gripenet recruta voluntários

Investigadores do Instituto Gulbenkian de Ciência procuram voluntários para participar no projeto Gripenet e ajudar na monitorização da epidemia sazonal de gripe. Até final de abril, todos os que residam em Portugal são convidados a reportar semanalmente os seus sintomas – calafrios, tosse ou febre –, o que permite medir, com grande rapidez, a incidência da gripe, a sua dispersão no território nacional e quais os grupos etários mais afetados. Os dados são disponibilizados (anónimos) numa plataforma

pública online. Os interessados devem inscrever-se em [www.gripenet.pt](http://www.gripenet.pt).

Esta época entra também em funcionamento uma aplicação para crianças dos primeiro e segundo ciclos do ensino básico, designada Gripenet Kids, que, sob a forma de jogo, transmite conhecimentos sobre vírus, epidemias, cuidados a ter para evitar o contágio, etc. Esta aplicação foi desenvolvida em parceria com a tecnológica Take the Wind, com o patrocínio da Fundação Portugal Telecom. ■



Suportes de velas inspirados em Amadeo e em azulejos Iznik © Mária Lessa

## Festa dos Livros Gulbenkian

A Festa dos Livros Gulbenkian está de volta com várias publicações da Fundação a preços especiais e com muitas propostas sugestivas de presentes para este Natal. Entre as peças já existentes e as muitas novidades, poderá encontrar jarras, taças, copos, chávenas, velas, lenços, leques, entre muitos outros objetos associados à coleção do Museu Calouste Gulbenkian e do Centro de Arte Moderna, bem como às duas grandes exposições temporárias que atualmente apresentam, respetivamente, *O Brilho das Cidades. A Rota do Azulejo* e *Sob o Signo de Amadeo. Um Século de Arte*. Várias peças inspiradas em Amadeo de Souza-Cardoso exibem motivos de algumas das suas obras mais emblemáticas, e objetos utilitários decorativos mostram diferentes motivos da produção Iznik do Museu Gulbenkian. O Jardim Gulbenkian é também motivo de inspiração para colares e outros adereços.

No dia 17 serão apresentadas duas obras de referência do Plano de Edições – Gramática do Português e Gramática da Linguagem Portuguesa. A apresentação realiza-se no auditório 3, às 18h, e terá a presença de Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Mota, José Eduardo Franco e João Paulo Silvestre.



A Festa dos Livros Gulbenkian pode ser visitada até dia 22 de dezembro, todos os dias das 10h às 20h, na loja do edifício Sede. ■

Livros do dia em [www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt)

## Colóquio/Letras recebe Prémio de Jornalismo Cultural

A revista *Colóquio/Letras*, da Fundação Calouste Gulbenkian, dirigida pelo poeta e professor universitário Nuno Júdice, foi a escolhida para receber o Prémio de Jornalismo Cultural 2013, atribuído pela primeira vez pela Sociedade Portuguesa de Autores (SPA).

Os critérios tidos em conta pela SPA foram a antiguidade, a representatividade da revista no meio literário português e a grande qualidade dos seus conteúdos, bem como o facto de ter sido dirigida durante anos de forma exemplar pelo poeta, ensaísta e professor David Mourão-Ferreira.

Na cerimónia de entrega do prémio, a 14 de novembro, o administrador da Fundação Gulbenkian Eduardo Marçal Grilo lembrou o historial da revista e os “nomes de figuras incontornáveis da nossa cultura” que a ela estão ou estiveram ligados. Considerando a *Colóquio* como um dos “nossos *ex-libris* em termos de contributo para a divulgação, o estudo e a pesquisa sobre a literatura” portuguesa e lusófona, Marçal Grilo agradeceu à SPA, enquanto “legítimo representante dos autores portugueses”, o prémio atribuído “a uma revista cuja razão de ser é o estudo e a promoção da escrita em português”. ■



José Jorge Letria, Iglésias Soares e E. Marçal Grilo © Inácio Ludgero

## Economia verde

Dez comunidades locais espalhadas pelo Reino Unido aderiram à iniciativa-piloto REconomy, um projeto da Transition Network apoiado pelo UK Branch, a delegação da Fundação em Londres. Construir economias locais mais sustentáveis, a pensar no ambiente e nas alterações climáticas, é o objetivo deste projeto que ajuda a transformar negócios locais em novas empresas, através de processos acompanhados de “transição”. As novas áreas de negócio podem passar pela instalação de painéis de energia solar, pela produção de produtos agrícolas locais para a alimentação ou pela adaptação das casas, de forma a reduzir o consumo energético. Em Bristol, por exemplo, as comunidades



Bristol Bike Project © Transition Network

locais identificaram a necessidade de criar um espaço de aprendizagem para reparação de bicicletas (na foto), um meio de transporte amigo do ambiente e em que todos se sentem iguais.

Os projetos são desenvolvidos em comunidades rurais, em pequenas cidades, mas também em pontos das áreas metropolitanas, e são um estímulo à criação de capacidades económicas e de emprego. Este movimento da Transition Network começou em 2006 no Reino Unido e já tem seguidores em 43 países diferentes, com mais de mil iniciativas semelhantes. ■

## Internacionalizar a arte portuguesa

Seis projetos envolvendo artistas portugueses foram contemplados pelo Programa de Apoio à Internacionalização das Artes Visuais, da Fundação Calouste Gulbenkian. O apoio mais expressivo foi atribuído ao The Bronx Museum of the Arts, para permitir a participação de Fernanda Fragateiro e Carlos Bunga na exposição *Beyond the Supersquare*, que aquele museu vai organizar entre março e agosto do próximo ano.

João Pedro Rodrigues viu também apoiada a sua participação no Mimesis Art Museum, na Coreia do Sul, um edifício desenhado pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira, no qual se apresenta desde o final do mês passado a instalação vídeo *Manhã de Santo António*, que pode ser visitada até fevereiro de 2014. Também o Colectivo Ebano, um projeto que cruza práticas artísticas com as ciências sociais, viajará até Chicago para participar no Washington Park Arts Incubator, numa exposição organizada pelo coletivo Ethnografic Terminalia, que reúne artistas, curadores e etnógrafos. O projeto que Isabel Cordeiro propôs desenvolver durante uma residência artística no Leipzig International Art Programme foi também participado. Este concurso contemplou ainda Mathia Denisse, para desenvolver vários projetos em Fortaleza, Brasil, e Patrícia Reis, para integrar a exposição *Who Makes Europe*, a realizar na Staedtische Galerie em Bremen, já a partir deste mês. ■

## DocLisboa 2013 Filmes apoiados

A programação deste ano do DocLisboa'13 incluiu oito filmes apoiados pela Fundação Gulbenkian. O filme de Joaquim Pinto, vencedor do Grande Prémio para melhor longa-metragem da competição internacional, e também dos prémios Universidades e CPLP, foi apoiado em 2011 pelo Serviço de Saúde e pelo antigo Programa de Artes Performativas. *E Agora? Lembra-me* é um documentário, na primeira pessoa, sobre a convivência com o HIV e ainda com os testes de medicação experimentais contra a hepatite C. O filme foi também premiado no festival de Locarno (Suíça).

No DocLisboa foram ainda exibidos os filmes de Luciana Fina, Salomé Lamas, Sofia Marques, Miguel Moraes Cabral, Marco Martins, Miguel Gomes e Rodrigo Areias, apoiados pela Fundação entre 2011 e 2013. ■

## Apoio à criação artística em África

A Fundação Calouste Gulbenkian, através do Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento, concedeu apoio ao projeto Pamoja – que significa “juntos” em suaíli –, uma rede pan-africana de produção e residências artísticas que pretende responder à dificuldade que os artistas africanos têm de encontrar plataformas para criar e mostrar o seu trabalho no continente africano.

Pamoja é um Projeto da CulturArte – centro de desenvolvimento para as artes do espetáculo, fundado em 1998, em Maputo, pelo bailarino e coreógrafo moçambicano Panaibra Gabriel Canda – em conjunto com os Studios Kabako de Kisangani, na República Democrática do Congo, e a Associação 1<sup>er</sup> Temps de Dakar, no Senegal.

Este projeto mereceu também o apoio do Programa ACP-EU Cultures, destinado à criação de residências artísticas e programas de formação, designadamente no âmbito da dança contemporânea, nas capitais dos países envolvidos. ■



© Ana Lúcia Cruz



© Mário Jorge Silva

*Samuel Bastos\* | 26 anos | Oboé*

## “Tocar na Ópera de Zurique foi o maior prémio até agora”

### COMO SURTIU O INTERESSE PELO OBOÉ?

Antes de chegar ao oboé, comecei por estudar solfejo, aos sete anos de idade com o meu pai, na Banda Musical de Oliveira, onde toquei requinta (instrumento de sopro da família do clarinete) e percussão. Um dia assisti a um concerto em Barcelos e fiquei fascinado com o som do oboé. Cheguei a casa e disse “quero tocar esse instrumento”. O oboé era um instrumento raríssimo nas Bandas Musicais, quase rejeitado. Fiz o exame no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga com dez anos de idade. Com a ajuda dos meus pais, que compraram um instrumento usado, e dos meus irmãos, que estudavam no Conservatório de Música do Porto, consegui encontrar o melhor caminho para começar a aprender oboé. É um instrumento muito difícil e, quanto mais cedo se começar, melhores resultados se terá no futuro. Em Portugal está a ser feito um trabalho notável por parte dos professores de oboé na divulgação,

trabalho e dedicação ao instrumento. Acredito que vamos ver esses frutos mais cedo ou mais tarde.

### O MESTRADO NA UNIVERSIDADE DAS ARTES DE ZURIQUE FOI UMA RAMPA DE LANÇAMENTO?

Sem dúvida. Eu defendo sempre que um estudante deve procurar um professor com qualidade e provas dadas, mas também que se identifique com o que procura. Sempre quis estudar com Thomas Indermühle em Zurique, mas quando lá cheguei, encontrei mais do que um grande professor, encontrei uma excelente escola, com uma organização incrível. Os planos escolares eram organizados como uma grande orquestra organiza a sua temporada, no mínimo com seis meses a um ano de antecedência. Para resolver algum assunto, bastava bater a uma porta e falar cinco minutos com o diretor. Foi uma das coisas em que mais senti a diferença em relação a Portugal: organização, eficácia

e, sobretudo em relação aos professores e diretores, uma simplicidade e informalidade incríveis. Por outro lado, a oferta, em termos de ensino, é muito grande e inclui áreas como a preparação física e psicológica para um concurso, yoga para músicos, técnica de Alexander, direção de orquestra, automotivação, como organizar eventos ou como encontrar apoios para financiar a nossa carreira. A universidade tem também acordos com algumas orquestras da cidade que dão a oportunidade aos alunos de tocar em alguns projetos. O facto de termos um ambiente de exigência e qualidade na universidade e, ao mesmo tempo, a oportunidade de ver os maiores solistas, maestros e orquestras ao vivo (a cidade de Zurique tem várias orquestras de referência internacional) é uma base essencial para construir uma carreira. Qualquer jovem músico deveria ter a oportunidade de viver tudo isso. Posso dizer sem problemas que, se ficasse em Portugal, não conseguiria nem metade das coisas que consegui. Gostava de salientar que fui bolseiro da Fundação Gulbenkian durante três anos, e que sem esse apoio teria sido muito difícil estudar numa das cidades mais caras do mundo.

#### **OS PRÉMIOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS QUE RECEBEU SÃO UMA RECOMPENSA OU UM ESTÍMULO PARA CRESCER AINDA MAIS?**

Para mim, um prémio é simplesmente um reconhecimento do meu trabalho prestado naquele momento. Já fiz concursos que me correram muito bem, outros muito mal, por isso temos de ter em conta que um concurso é um momento, podem ser cinco, dez, vinte minutos de uma prova. Alguns concursos podem abrir algumas portas e oportunidades, mas em geral não são tão importantes como muitas vezes pensamos, não nos trazem estabilidade, são apenas um reconhecimento. Cada vez tenho menos vontade de me apresentar em concursos e de passar pela tensão, pressão, nervos, ansiedade, e tudo o que se gera à volta dos resultados. Claro que estamos ali para fazer música, mas sabemos que estamos a ser avaliados e estamos indiretamente a competir com outros amigos e colegas. Quando nos apresentamos em público, devemos ter a nossa própria personalidade, identidade, carácter, uma abordagem concreta do que estamos a tocar e queremos que essa mensagem passe de imediato para quem nos ouve. O ambiente envolvente dos concursos não deixa que os intérpretes se concentrem no mais importante – a música, a obra dos diferentes compositores, entrar no espírito de cada um dos compositores, conhecer a fundo o que cada um quis transmitir quando escreveu a sua obra: nós somos o meio de comunicação. Isso para mim está acima de qualquer decisão que nos possa dar um primeiro ou nenhum prémio. As oportunidades podem surgir numa fase qualquer de um concurso e



Ópera de Zurique

muitas vezes não precisamos de ser premiados para surgirem oportunidades. Em 2011, no Concurso ARD de Munique, cheguei à segunda fase e depois não passei à meia-final, mas a minha prestação na segunda fase levou-me a receber um convite para tocar primeiro-oboé na Ópera de Frankfurt. Aconselho sempre a fazerem audições de preferência para uma orquestra de qualidade, esse sim é o melhor prémio que se pode ter.

#### **O QUE SIGNIFICA SER SOLISTA NA SUA CATEGORIA NA ORQUESTRA DA ÓPERA DE ZURIQUE?**

Tocar na Ópera de Zurique foi o maior prémio musical até agora. Trabalhar todos os dias numa grande orquestra, com excelentes pessoas, colegas, músicos, maestros e solistas, é a melhor escola e experiência que muitos músicos desejam. Vale mais do que um diploma com um prémio na parede de casa. Digo sempre que uma experiência de qualidade que pode durar muitos anos ou uma vida é muito mais importante do que um concurso que dura três dias ou uma semana.

#### **PROJETOS PARA O FUTURO?**

Para o futuro não tenho muitos projetos, mas desejos. Tenho uma paixão enorme pela direção de orquestra, já estudei na Universidade algumas bases, mas creio que no futuro vou dedicar mais tempo a esta paixão.

Eu e a minha irmã, que é jornalista, fundámos a Revista Musical Portuguesa ([www.dacapo.pt](http://www.dacapo.pt)). Queremos que esse projeto cresça cada vez mais porque Portugal precisa de um meio de comunicação forte, prático e útil para todos os jovens, profissionais e amantes da música erudita. Todos os dias estamos a trabalhar para que isso se torne uma realidade no nosso panorama musical. Sempre foi minha intenção trabalhar em outras áreas ligadas à música, por isso achamos que era o momento ideal para avançar com esse projeto. ■

\* *Bolsheiro da Fundação Gulbenkian na Universidade das Artes de Zurique*

Paulo Rocha, *Mudar de Vida*

# Harvard na Gulbenkian

## Para Paulo Rocha

O ciclo *Harvard na Gulbenkian: Diálogos sobre o Cinema Português e o Cinema do Mundo* prossegue de **13 a 15** de dezembro, na sala polivalente do Centro de Arte Moderna. Desta vez, o programa com curadoria do realizador Joaquim Sapinho e do diretor do Harvard Film Archive, Haden Guest, homenageia a obra do cineasta português Paulo Rocha. *Mudar de Vida* (1966), sucessor do seu primeiro filme *Verdes Anos* (1962), é o ponto de partida para mais um fim de semana de projeções e debates que ligam o Cinema Português ao Cinema do Mundo. Assim, a afirmação do cinema urgente e poético de Paulo Rocha será ligada às obras de dois cineastas estrangeiros que estarão presentes na Fundação Calouste Gulbenkian ao longo destes três dias: Víctor Gaviria e Nelson Pereira dos Santos.

O primeiro, que, para além de cineasta, é psicólogo, escritor e poeta com diversas obras publicadas, vem mostrar vários dos seus filmes, de onde se destaca *Rodrigo D: No Futuro* (1990), o primeiro filme colombiano a entrar em competi-

Nelson Pereira dos Santos, *Vidas Secas*

ção no Festival de Cannes. Nascido em 1955, Víctor Gaviria dedica-se a explorar o universo da sua cidade natal, Medellín, considerada uma das mais perigosas do mundo e onde a violência e a miséria são temas centrais.

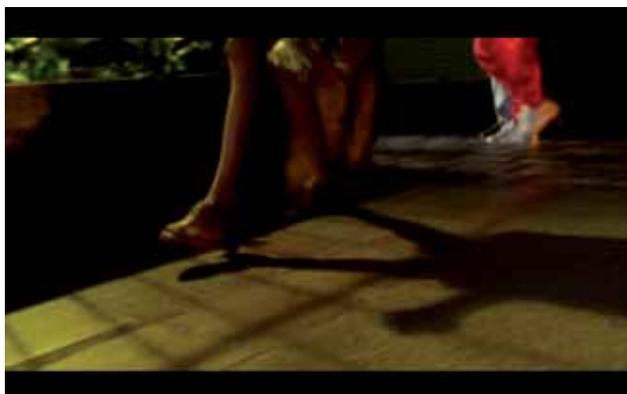
Já Nelson Pereira dos Santos construiu uma carreira que se estende por seis décadas, com mais de vinte longas-metragens realizadas, pautadas pela consciência social e por uma íntima ligação à literatura, adaptando obras de Graciliano Ramos (*Vidas Secas*, em 1963, e *Memórias do Cárcere*, em 1984), Machado de Assis e Guimarães Rosa. Em 2006, tornou-se o primeiro cineasta membro da Academia Brasileira de Letras. É também professor fundador do primeiro curso de Cinema do Brasil, na Universidade Federal Fluminense, tendo lecionado também na UCLA e na Universidade de Columbia.

Sempre com uma componente social e poética, o fim de semana *Para Paulo Rocha* é o segundo de uma série de 12 programas que irão decorrer durante um ano no Centro de Arte Moderna.

Em janeiro, será a vez de Susana de Sousa Dias, Patricio Gúzman e Soon-Mi Yoo mostrarem os seus filmes no ciclo *Harvard na Gulbenkian*. ■



Paulo Rocha, *Mudar de Vida*



Víctor Gaviria, *Vendedora de Rosas*

## Para Paulo Rocha

Convidados

**Nelson Pereira dos Santos e Víctor Gaviria**

**Sexta | 13 dezembro**

**18h15** *Mudar de Vida* (90'),  
de Paulo Rocha

**Sábado | 14 dezembro**

**15h** *Vidas Secas* (103'),  
de Nelson Pereira dos Santos

**18h15** *Buscando Tréboles* (8'),  
*Los Habitantes de la Noche* (20'),  
*Rodrigo D: No Futuro* (93'),  
de Víctor Gaviria

**Domingo | 15 dezembro**

**15h** *La Vendedora de Rosas* (116'),  
de Víctor Gaviria

**18h30** *O Amuleto de Ogum* (112'),  
de Nelson Pereira dos Santos

# Mozart

## As três últimas sinfonias



**A** Gulbenkian Música programou, no espaço de uma semana, quatro concertos totalmente dedicados a **Wolfgang Amadeus Mozart** – os dois primeiros com ênfase nas obras de juventude e os dois últimos apresentando obras de maturidade. O primeiro programa realizou-se no final do mês passado no Centro Cultural de Belém e deu a ouvir dois concertos para violino e orquestra escritos por Mozart antes de completar 20 anos.

Este mês, nos dias **5 e 6 de dezembro**, respetivamente às **21h e 19h**, também no CCB, serão tocadas as suas últimas três sinfonias (n.º 39 K.543, n.º 40 K.550 e n.º 41 K.551, *Júpiter*). **Paul McCreesh**, maestro titular da **Orquestra Gulbenkian**, dirige a sua formação nesta jornada mozartiana, tão aliciante para o público como para os intérpretes. O maestro britânico considera que um programa composto por obras de um só autor ou de um mesmo género permite mergulhar mais profundamente na essência de uma determinada escrita musical. Não esconde, por isso, o entusiasmo pelos concertos que vai dirigir este mês, apesar de

também o interessarem programas que juntem diferentes compositores, procurando estabelecer relações entre eles. Verdadeiras obras-primas do repertório clássico musical, as três últimas sinfonias foram escritas no verão de 1788, em apenas dez semanas, sendo a última – *Júpiter* – considerada a síntese perfeita da produção mozartiana. Alfred Einstein, um dos mais eminentes biógrafos do compositor, diz que esta maravilhosa trilogia constitui um “apelo à eternidade”. McCreesh concorda e acrescenta: “Pode dizer-se, de algum modo, que estas grandes sinfonias parecem ligar a humanidade. Apesar de constituírem exemplos consumados das sinfonias clássicas do século XVIII, vivem em todas as gerações, muito para além do seu século.” Questionado sobre a necessidade de apresentar os concertos fora de portas durante as obras do Grande Auditório, o maestro titular da Orquestra Gulbenkian defende que tocar em espaços tão diferentes como o Centro Cultural de Belém, o Mosteiro dos Jerónimos ou a Igreja de São Roque, constitui um desafio, mas também uma oportunidade para a Orquestra alargar a sua missão e encontrar novos públicos. É precisamente a Igreja de São Roque que vai acolher os últimos concertos deste mês. A **Oratória de Natal** de Johann Sebastian Bach, dirigida por **Michel Corboz**, à frente do Coro e Orquestra Gulbenkian, será tocada naquela igreja, em duas partes, a primeira nos dias **16 e 17** e a segunda nos dias **20 e 21**, sempre às **21h30**. São solistas a soprano **Nathalie Gaudefroy**, a meio-soprano **Bernarda Fink**, o tenor **Tilman Lichdi** e o barítono **Sebastian Noack**.

Tal como tem sucedido nas temporadas anteriores, o ano termina na Gulbenkian Música com o reviver do *Te Deum*, uma das cerimónias litúrgico-musicais mais marcantes em Portugal no século XVIII. Jorge Matta dirige o **Coro Gulbenkian** e a **Orquestra Divino Sospiro**, dando a ouvir o *Te Deum* de António Teixeira, obra escrita em 1734 para cinco coros, oito solistas e Orquestra. O concerto realiza-se dia **31 de dezembro**, como manda a tradição, às **17h**. ■



Paul McCreesh © Márcia Lessa



Manuel Montoro, Painel publicitário ao licor Fernet-Branca, Manises, c. 1930, Museo de Cerámica de Manises © Tato Baeza e Vicente A. Jiménez



Painel de azulejos com motivos eucarísticos (pormenor), Museu del Disseny de Barcelona © Guillem Fernández Huerta

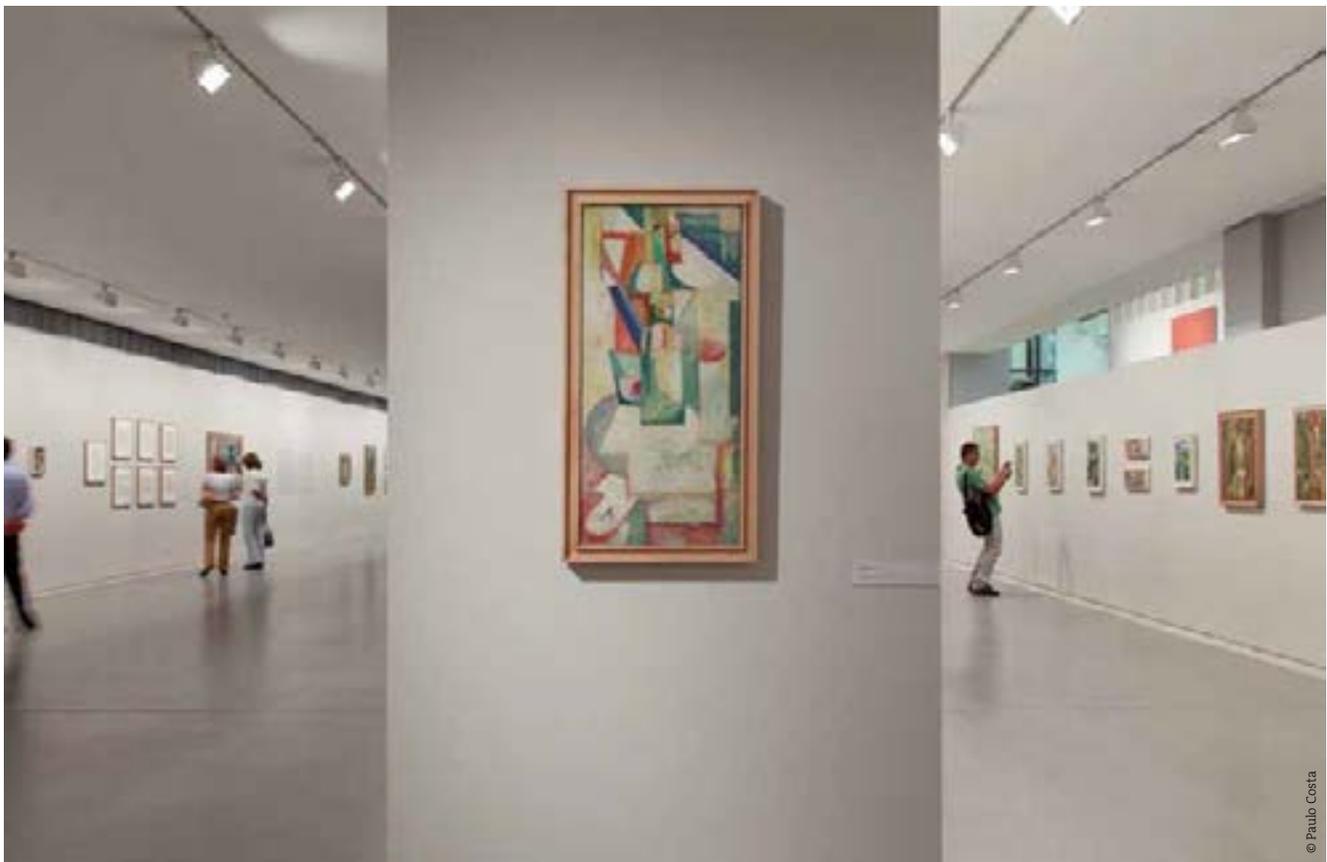
## O Brilho das Cidades A Rota do Azulejo

Uma fascinante viagem pelo mundo do azulejo é a proposta desta exposição inédita que o Museu Gulbenkian apresenta no edifício Sede e que junta quase duas centenas de peças, da Ásia Central à Europa Ocidental, oriundas de museus e coleções nacionais e internacionais de referência. Esta exposição testemunha o modo original como nos relacionamos com esta arte que nos acompanha desde finais do século XV, que, de tão presente no nosso quotidiano, reconhecemos como parte da nossa identidade.

**GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS, EDIFÍCIO SEDE**  
Até 26 de janeiro

De terça a domingo, das 10h às 20h (até 22 de dezembro) e das 10h às 18h (de 22 a 31 de dezembro).

Encerra dias 24 e 25 de dezembro e 1 de janeiro.



## **Sob o Signo de Amadeo** Um Século de Arte

Uma viagem de cem anos pela história da arte a partir da herança modernista de Amadeo de Souza-Cardoso é a proposta da exposição comemorativa dos 30 anos da abertura do CAM que, desde julho passado, ocupa todas as galerias do Centro. A presença de Amadeo de Souza-Cardoso é dominante, com uma galeria totalmente dedicada à sua obra, reunindo praticamente todo o acervo do artista que o CAM detém. Outra galeria exhibe obras-primas da coleção do CAM cobrindo as várias disciplinas artísticas da pintura, desenho, escultura e fotografia. Não falta ainda um sector que põe em evidência o diálogo entre a arte portuguesa e a britânica (de que o CAM tem uma coleção de referência), em torno do legado da Arte Pop.



### **CENTRO DE ARTE MODERNA** até 19 de janeiro

De terça a domingo, das 10h às 18h.

Encerra dias 24 e 25 de dezembro e 1 de janeiro.



© Paulo Costa

## **Gymnasion** Raija Malka

A primeira exposição em Lisboa da artista plástica e cenógrafa finlandesa Raija Malka tem por título *Gymnasion*.

O espaço do CAM sugeriu à artista um enorme ginásio, onde as suas pinturas, algures entre a instalação, o cenário e a arquitetura, criam, nas palavras da curadora, Isabel Carlos, “jogos de perceção estimulantes que evocam e convocam o corpo”. O conceito de ginásio remonta, aliás, aos gregos antigos, que o usavam não apenas para exercitar o corpo, mas também o espírito. Nesta exposição há também mais do que simples exercício. A curadora vê nela uma reflexão sobre a vida e a morte, sobre o corpo e a sua finitude.

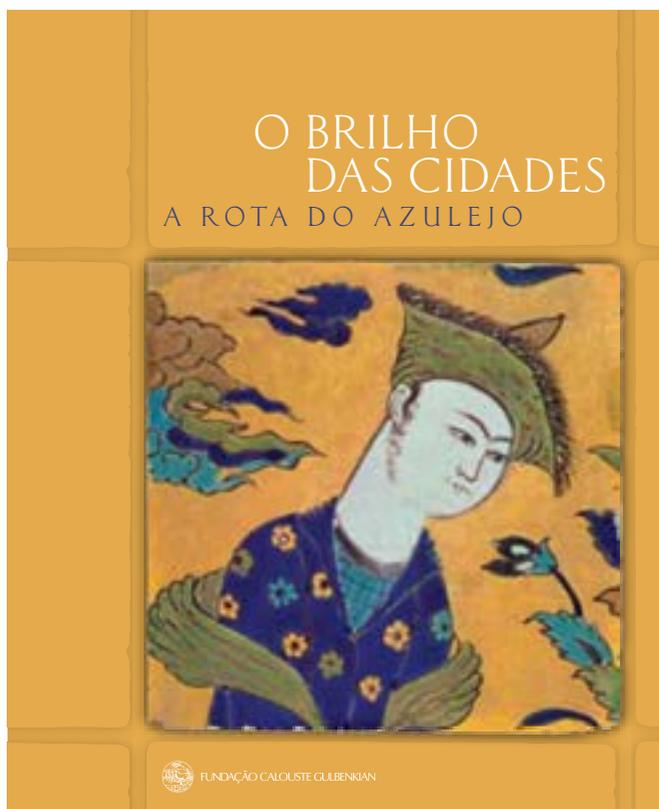


© Paulo Costa

**CENTRO DE ARTE MODERNA**  
até 26 de janeiro

De terça a domingo, das 10h às 18h.

Encerra dias 24 e 25 de dezembro e 1 de janeiro.



## O azulejo como espelho de culturas

“Um azulejo é um objeto aparentemente simples”, lê-se na introdução ao catálogo da exposição *O Brilho das Cidades – A Rota do Azulejo*, que pode ser visitada na Sede da Fundação até 26 de janeiro. “Mas, por detrás desta aparente singeleza material,” continua o texto dos comissários Alfonso Pleguezelo e João Castel-Branco Pereira, “o azulejo, entendido como testemunho da História, é um fenómeno muito mais complexo, com uma existência de vários milénios e, sobretudo, revelando uma formidável capacidade para refletir os fatores económicos, sociais, tecnológicos, estéticos, políticos ou religiosos que sustentam a vida dos povos.”

Nem Calouste Gulbenkian foi imune ao modo original como nos relacionamos com esta arte, como se pode comprovar através da magnífica coleção de azulejos que reuniu – maioritariamente constituída por produção de Iznik, Turquia – e a partir da qual os comissários da exposição desenharam o fio condutor de *O Brilho das Cidades*, reivindicando para o azulejo o papel de elemento difusor de ideias e de formas ao longo dos tempos.

A fascinante viagem pelo mundo do azulejo que a atual exposição propõe é acompanhada pela publicação de um catálogo de cerca de 350 páginas, que apresenta em detalhe cada uma das 171 obras selecionadas para a mostra, exemplares únicos de diferentes procedências, da Península Ibérica ao Extremo Oriente. O catálogo segue a mesma organização temática desenvolvida na exposição – Nas Origens; Paredes que Falam; Ornato e Mensagem; Poéticas Narrativas; O Azulejo sob o Signo do progresso: Séculos XIX e XX –, o que permite evidenciar como diferentes culturas ofereceram respostas distintas às mesmas perguntas que o ser humano colocou ao longo dos tempos.

Incluem-se nesta publicação ensaios histórico-artísticos de Alfonso Pleguezelo (Universidade de Sevilha) e João Castel-Branco Pereira (diretor do Museu Calouste Gulbenkian), mas também de John Carswell (School of Oriental and African Studies, Londres), de Jaume Coll (diretor do Museo Nacional de Cerámica y de las Artes Suntuarias González Martí, Valência), e ainda um texto que adota uma perspetiva mais analítico-científica, assinado pelas investigadoras catalãs Judit Molera (Departament de Technologies Digitals i de la Comunicació, Universitat de Vic) e Trinitat Pradell (Departament de Física i Enginyeria Nuclear, Universitat Politècnica de Catalunya).

De resto, como afirmam os comissários, ainda no texto de introdução, “tudo o mais é uma experiência que cada visitante deve viver por si, e durante a qual deve ver as obras esperando que sejam elas a falar e ofereçam generosamente os seus atrativos”. ■

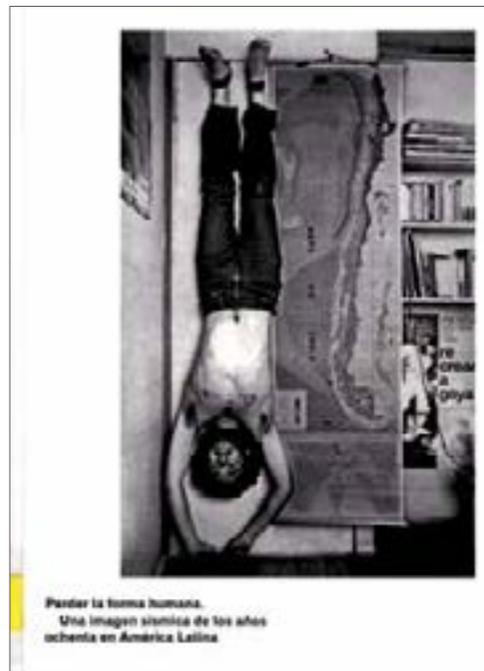
# Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

**A** exposição que o Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia (Madrid) inaugurou em outubro do ano passado, e que pode ser visitada até fevereiro de 2014 no Museo de Arte de Lima, tem como objeto a criação artística na América Latina, num arco cronológico que se inicia simbolicamente em 1973, com o golpe militar com que Augusto Pinochet derrubou o governo socialista de Salvador Allende, e que termina, em 1994, com as manifestações do movimento zapatista no México. Intitulada *Perder la forma humana – com o subtítulo Una imagen sísmica de los años ochenta en América Latina* –, esta exposição teve a curadoria de um conjunto de investigadores da Red Conceptualismos del Sur e integra-se numa linha de investigação em curso em que o museu espanhol também colabora. Propondo como pressuposto conceptual uma exaustiva revisão das expressões artísticas surgidas como reação e oposição à opressão e à repressão vividas em diversos países da América Latina durante a conturbada década de 1980, a exposição mostra, através de uma grande variedade de registos documentais, um conjunto de ações e obras – que incluem *performance*, literatura, música e *graffiti* –, muitas delas projetos coletivos de natureza efêmera, em que o corpo ocupa um papel fundamental.

Para acompanhar a exposição publicou-se um catálogo que, tal como se declara na introdução, não é “convencional” e foi concebido “como uma caixa de ferramentas”: está organizado sob a forma de glossário “que aglutina uma série de conceitos derivados tanto do léxico criado naqueles anos [1980] por ativistas e artistas, como do exercício anacrónico de reformular estas experiências à luz do presente”, sendo que as entradas do glossário têm imagens; completam-no a lista das obras expostas e as biografias dos investigadores que deram corpo à exposição. ■

**A** Sala Rekalde, em Bilbao, apresenta, até dia 29 de janeiro de 2014, aquela que é a primeira retrospectiva em Espanha do fotógrafo americano Emmet Gowin (n.1941), organizada pela Fundación Mapfre, que a mostrou primeiro em Madrid. Esta exposição é igualmente a mais ampla dedicada a Emmet Gowin, apresentando desde os seus primeiros retratos do início da década de 1960, até às mais recentes fotografias aéreas de paisagem, que realizou em Espanha por encomenda da Fundación Mapfre, em 2012. Também da responsabilidade editorial da mesma fundação é o cuidado e extenso catálogo que reproduz todas as obras expostas, acompanhadas por dois ensaios sobre a obra do fotógrafo da autoria, respetivamente, de Keith Davis, conservador responsável pelo departamento de fotografia do Nelson-Atkins Museum of Art, e de Carlos Gollonet, curador da exposição, para além de alguns textos do próprio Emmet Gowin, como a declaração escrita que apresentou quando defendeu o seu trabalho de tese de pós-graduação, em maio de 1967, e o texto do último discurso que proferiu na sua última aula na Universidade de Princeton, em 2009, quando se retirou, os quais ajudam a contextualizar e a melhor compreender o seu percurso fotográfico.

O catálogo foi publicado em inglês e em espanhol – a Biblioteca de Arte disponibiliza a versão em castelhano – e contém ainda uma cronologia detalhada da vida e obra de Gowin. ■



# Centro de Arte Moderna

## **Égina e a Águia Arrebatadora**

### Nikias Skapinakis

**O**bra de grande formato, revela-nos uma mulher nua juntamente com uma ave predadora de grande porte, recortando-se num fundo branco. A ave é uma águia, a soberana dos céus. Afigura-se de asas abertas, em voo, pousando as garras na coxa da mulher deitada, entorpecida. Para lá do erotismo tacitamente implicado na nudez e na aproximação rapace da ave, ou seja, para lá da imaginação subjetiva do artista, o título da obra transporta-nos ao contexto distante de um rapto pagão.

A mulher é Égina, filha do deus-rio Asopo. Improvável e glamorosa Égina, de pele escura e lustrosa como um manequim, a sua pose sensual e cinematográfica afasta-a do modelo antigo que lhe serve de referência. Está estendida com os braços reclinados, as mãos à cabeça. Dormente, de olhos semicerrados, é surpreendida pelo assalto da águia cujas garras realçadas em rosa pálido e amarelo se prendem à coxa. A águia é Zeus, o deus superior, conquistador incorrigível, travestido aqui sob mais um dos seus inúmeros disfarces para consumir um intento amoroso.

Observados a meia distância, Égina e a águia Zeus apresentam-se como unidade visual, numa massa oblonga e escura, compacta e assimétrica, que atravessa o quadro a todo o comprimento pela diagonal. A unidade do par é conseguida também pela paleta harmoniosa de castanhos e preto – tonalidades de simbolismo telúrico que estabelecem um intenso contraste (em negativo) com o fundo branco. As referências espaciais são apenas aquelas que os corpos sugerem no seu volume sumariamente indicado por pequenos apontamentos róseos, na sua disposição assimétrica e em contraponto, no plano da imagem. Liberta de outras marcas acessórias que não sejam a presença dos dois protagonistas, a composição vive da síntese da forma-cor

como de uma síntese do simbolismo inerente a esta: a terra e a carne (castanho-preto/rosa) opõem-se ao vazio branco imponderável onde as figuras parecem levitar, quer dizer, ao ar, domínio celestial e superior, morada do deus supremo e sedutor. O efeito de vertigem vem ainda sugerido pelo corpo inteiro de Égina que se oferece vista de cima, como se em perspectiva aérea. Ambos os valores (telúrico e aéreo) são, pois, elementos essenciais ao episódio do adultério mitológico: Égina, de acordo com Higino, Pausânias e outros autores antigos, fora arrebatada da sua ilha ou do seu palácio e levada pelos ares para a ilha de Delos, onde se consumou a relação com o deus adúltero.

Mediada por um grafismo linear e económico e por uma clareza compositiva cara a Nikias Skapinakis, Égina vive de uma atualização do mito às premissas sintéticas da imagem visual na época contemporânea. Penúltima peça de uma série de nove Metamorfoses de Zeus, que o pintor realizou entre 1970 e 1979, foi apresentada pela primeira vez na Galeria 111, em dezembro de 1978, conjuntamente com um estudo do mesmo nome, hoje também na coleção do Centro de Arte Moderna.

Esta obra integra a exposição *Sob o Signo de Amadeo. Um Século de Arte*, patente no CAM até 26 de janeiro. ■

**Ana Filipa Candeias**

**Nikias Skapinakis** (1931-)

**Égina e a Águia Arrebatadora**

(Série: As Metamorfoses de Zeus - VIII), 1978

Óleo sobre tela, 146 x 168 cm

Col. CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

Inv. 78P587



